

Marcas de sexualidade: a aplicabilidade da didática sensível em aulas de biologia para integração de aspectos cognitivos e límbicos

Shirley Nascimento

Mestra em Ensino de ciências e matemática pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no Campus Vitória da Conquista - Bahia. Especialista em Neuroeducação e sexualidade. Professora da Educação Básica. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
shysn.nascimentosantos@gmail.com
ORCID:<https://orcid.org/0000-0003-3439-2711>

Gabriele Marisco

Bolsista de Produtividade em Desenvolvimento Tecnológico e Extensão Inovadora (CNPq). Pós-doutorado em Educação - UFBA e Doutorado em Biotecnologia De Recursos Naturais/Renorbio. Docente da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia no Campus Vitória da Conquista- Bahia. Orientadora de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Ensino - PPGEn (UESB). Orientadora de Doutorado da Rede do Nordeste de Ensino (RENOEN). Coordenadora do Grupo de Pesquisa Estratégias Ativas para o ensino de ciências e saúde. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia - UESB
gabrielemarisco@uesb.edu.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8301-8673>

Resumo

Compreender a própria sexualidade é uma tarefa muito difícil, o que dirá compreender e se fazer entender a sexualidade do outro. Nesse contexto levantamos a seguinte questão: Como a didática sensível pode contribuir na elaboração de aulas de biologia com temas em sexualidade? Definiu-se como objetivo compreender a aplicação da didática sensível para abordar e debater o tema sexualidade de forma menos complexa na sala de aula. Para isso, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa-descritiva, por meio de uma intervenção didática com 36 estudantes da 3ª série do ensino médio da educação básica do município de Vitória da Conquista – Bahia (Brasil). Empregou-se uma roda de leitura, abordando relatos de casos reais de crimes sexuais juvenis. Os dados expressões de opiniões dos alunos foram submetidos à análise de conteúdo descrita por Laurence Bardin, destacando as categorias: (1) Incompreensão social e por pares; (2) Patriarcado e heteronormatividade; e (3) Papel familiar. Identificou-se que a didática sensível atua como um catalisador das emoções, fazendo uso de imaginação, curiosidade, motivação, e sentimentos como o sentir, o pensar e o agir, tornando a experiência intrínseca e contribuindo com o aprendizado, integrado com aspectos cognitivos e límbicos que categorizam o indivíduo como cérebro, corpo e emoções.

Palavras-chave: Bullying; Violência sexual; Relatos de caso; Ensino de biologia.

Marks of sexuality: the applicability of sensitive teaching in biology classes for the integration of cognitive and limbic aspects

Abstract

Understanding your own sexuality is a very difficult task, let alone understanding and making yourself understand the sexuality of others. In this context, we raise the following question: How can sensitive teaching contribute to the development of biology classes with sexuality themes? The objective was to understand the application of sensitive teaching to approach and debate the topic of sexuality in a less complex way in the classroom. To this end, a qualitative-descriptive research was developed, through a didactic intervention with 36 students from the 3rd grade of basic education in the city of Vitória da Conquista – Bahia (Brazil). A reading circle was used, covering reports of real cases of juvenile sexual crimes. The data expressed by students' opinions were subjected to content analysis described by Laurence Bardin, highlighting the categories: (1) Social and peer misunderstanding; (2) Patriarchy and heteronormativity; and (3) Family role. It was identified that sensitive teaching acts as a catalyst for emotions, making use of imagination, curiosity, motivation, and feelings such as feeling, thinking and acting, making the experience intrinsic and contributing to learning, integrated with cognitive and limbic that categorizes the individual as brain, body and emotions.

Keywords: Bullying; sexual violence; Case reports; Biology teaching.

Marcas de sexualidad: la aplicabilidad de la enseñanza sensible en clases de biología para la integración de aspectos cognitivos y límbicos

Resumen

Comprender la propia sexualidad es una tarea muy difícil, y mucho menos comprender y hacerse comprender la sexualidad de los demás. En este contexto, planteamos la siguiente pregunta: ¿Cómo puede la enseñanza sensible contribuir al desarrollo de clases de biología con temática de sexualidad? El objetivo fue comprender la aplicación de la enseñanza sensible para abordar y debatir el tema de la sexualidad de forma menos compleja en el aula. Para ello, se desarrolló una investigación cualitativa-descriptiva, a través de una intervención didáctica con 36 estudiantes del 3er grado de educación básica de la ciudad de Vitória da Conquista – Bahía (Brasil). Se utilizó un círculo de lectura que abarcaba informes de casos reales de delitos sexuales juveniles. Los datos expresados ??por las opiniones de los estudiantes fueron sometidos al análisis de contenido descrito por Laurence Bardin, destacando las categorías: (1) Malentendido social y entre pares; (2) Patriarcado y heteronormatividad; y (3) rol familiar. Se identificó que la enseñanza sensible actúa como catalizador de las emociones, haciendo uso de la imaginación, la curiosidad, la motivación y sentimientos como sentir, pensar y

actuar, haciendo que la experiencia sea intrínseca y contribuyendo al aprendizaje, integrado con lo cognitivo y límbico que categoriza al individuo. como cerebro, cuerpo y emociones.

Palabras clave: Bullying; violencia sexual; Reportes del caso; Enseñanza de la biología.

Introdução

A didática sensível é um conceito elucidado por Cristina D'Ávila (2022) que consiste em trazer o prazer e o conhecimento interligados como “um caminho que pode nos conduzir a uma melhor educação como um todo” (Mineiro; D'Ávila, 2020), pois garante um novo significado a aprendizagem. Compreende que não há possibilidade de aprender sem alcançar a afetividade dos sujeitos envolvidos com a informação, é a ponte do saber.

Atrela-se aos conceitos neurocientíficos que categorizam o indivíduo como cérebro, corpo e emoções. As conexões do sistema nervoso perpassam o sistema límbico, que é a parte cerebral que comanda as emoções, quando ativada permite uma maior e melhor consolidação da aprendizagem. A neurociência comprovou que a aprendizagem só acontece com a evocação do sistema emocional que resgata memórias criadas que despertam as interações entre corpo e cérebro.

Essas interações são reconhecidas como estímulos, que podem ser internos quando despertados pelas emoções ou externos quando emanam das circunstâncias culturais, históricas e sociais. Esse processo é considerado fundamental para a construção da aprendizagem, favorecendo a neuroplasticidade, fenômeno do cérebro que reestrutura seus circuitos neurais e permite a armazenagem de informações, “base funcional da memória” (Pinho, 2018).

O estímulo em contato com o cérebro funciona como uma corrente elétrica que perpassa toda a estrutura promovendo conexões sinápticas que vão gerar uma resposta, resgatando a memória curta e acessando as emoções e o aprendizado prévio assimilando e consolidando novas memórias para concretizar a aprendizagem (Nascimento, 2020). Quanto maior o envolvimento emocional ao estímulo, maior ocorrência de neuroplasticidade e maior associação de estímulo-resposta, ou seja, melhor efetividade no processo de aprendizagem.

Nascimento (2020) explica que a aprendizagem só pode acontecer em um contexto de transmissão intencional, atenção e interação emocional, isto é, a emoção e a cognição associam-se para produzir aprendizagem. A emoção emanada da motricidade do corpo guia uma multiplicidade de fenômenos psíquicos que estabelecem os circuitos neuronais que fomentam a aprendizagem (Fonseca, 2014). Na prática entendemos como as expressões voluntárias do corpo resultam em ações involuntárias do cérebro, a qual não se dá apenas no nível mental, ela se espalha pelo nosso corpo e pelos nossos sentidos (D'Ávila, 2014).

É com esse intuito que pensamos sobre as aulas de biologia, não meramente teóricas vislumbradas por conteúdos didáticos, mas inspiradas no ensino de Biologia para a conexão ao qual, segundo Pagan (2018), confere sensibilidade ao aprendizado para além da pura racionalização e do desejo de dominação, mas se conecta com a natureza e nos inspira a conhecer a nós mesmos como espécie humana.

Para tanto, o professor torna-se elemento indispensável nessa interação, suas ações e intencionalidades são cruciais para despertar essa intersecção entre expressão corpórea e ação cerebral. Ele é responsável por

inserir elementos estimulantes internos e externos no espaço da sala de aula, D'Ávila o associa como instrumento capacitador dessa ancoragem de estímulo-resposta visando gerar situações didáticas que ocasionam a apreensão sensível e inteligível do conhecimento; no qual são interdependentes o sentir, o pensar e o agir humano (Mineiro; D'Ávila, 2020). Por isso, deve-se fazer uso em sala de aula da escuta sensível reconhecendo o estudante como ser único e individual.

Trata-se de escutar, ver e enxergar o outro como pessoa dotada de um corpo, uma razão, uma emoção, uma personalidade, interações sociais, sentimentos, pensamentos, desejos e intenções (Codea, 2019, p. 62). É necessário, portanto, ao professor sensibilidade emocional para criar a conexão do cognitivo com o emocional e propiciar o internalizar da aprendizagem (Fonseca, 2014), sobretudo nas aulas de biologia que trata dos aspectos relacionados à vida.

Por sexualidade entende-se o desenvolvimento social e pessoal do sujeito construído sobre as perspectivas históricas e sociais. A sexualidade é inerente ao desenvolvimento do indivíduo e se faz presente no dia a dia, portanto, é mais que necessário compreender e disseminar os conceitos e informações sobre a sexualidade. "A sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo" (Louro, 1997, p. 26).

Por serem obstinados pela curiosidade, quebra de padrões, liberdade e necessidade de serem aceitos, os jovens buscam na sexualidade um aporte para suas vivências e autenticidades. Suas percepções são cruciais para sua orientação e desenvolvimento biopsicossocial contribuindo (favoravelmente ou não) para a obtenção de níveis mais elevados de saúde e bem-estar físico, mental e social" (Pilon, 1984. p.16).

Toneli (2012) afirma que a regulação da sexualidade jovem está na ordem do dia, justificada e medicalizada por meio do debate sobre a gravidez, o aborto, a AIDS, a violência, entre outros "problemas de saúde pública". Nessa perspectiva propõe-se uma pesquisa sobre sexualidade nas aulas de biologia através da aplicabilidade do olhar da didática sensível. Compreendendo que a sexualidade é um dos temas mais difíceis de serem discutidos por suas infinitas possibilidades e tabus criados em seu entorno. Sob este aspecto é que nos empenhamos nessa pesquisa para que os jovens estudantes consigam ressignificar suas vivências e conceitos e levantamos a seguinte questão: Como a didática sensível pode contribuir na elaboração de aulas de biologia com temas em sexualidade? Haja vista não haver encontrado na produção científica um elo entre os aspectos cognitivos e límbicos em aulas de biologia que tratam da sexualidade. Definiu-se como objetivo compreender a aplicação da didática sensível para abordar e debater o tema sexualidade de forma menos complexa na sala de aula.

Metodologia

Esta pesquisa tratou-se de uma intervenção didática de cunho qualitativo-descritivo atentando-se aos aspectos reais e à compreensão da dinâmica das relações sociais de proximidade entre os sujeitos e o objeto da pesquisa (Minayo, 2014), das quais surgem o envolvimento do estudo do uso e coleta de materiais descritivos de momentos e significados passíveis de interpretação, como elucidado por Gil (2017), por assim dizer, "é em si mesma, um campo de investigação" (Denzin y Lincoln, 2006, p.16)

Este tipo de pesquisa concentra-se em resolver problemas da vida real em seu contexto. A realidade é subjetiva e relativa ao mundo social somente pode ser entendida sob o ponto de vista dos atuantes na pesquisa (Minayo, 2014), ou seja, a realidade é construída pelo pesquisador, observador e participante.

A intervenção didática aconteceu no ano de 2022 com 36 alunos numa turma do 3a. série do ensino médio da educação básica da Rede Estadual do município de Vitória da Conquista na Bahia (Brasil) durante duas horas

de aula na disciplina de biologia. O público amostral é considerado como classe média baixa, moradores de bairros periféricos urbanos e inseridos em vulnerabilidades sociais.

Para a intervenção, seguimos o seguinte protocolo: Os alunos foram organizados em equipes de sua escolha, onde cada uma recebeu um relato de caso real de um crime sexual, três deles de jovens de idade e condições sociais similares aos dos discentes e que ocorreu na cidade. Sendo um sobre violência intrafamiliar, outro *bullying* virtual, e o penúltimo sobre exploração sexual infantil. O último, baseou-se na história real apresentada no filme *Believe Me: The Abduction of Lisa McVey* (Acredite em mim: a história de Lisa McVey) de 2018, disponível na *Netflix* (plataforma de *stream*). O filme conta a história de Lisa, que tem 17 anos e é sequestrada e violentada. Para distorcer a verossimilhança modificamos o nome da personagem (Naeli) e alguns elementos do contexto. Foi acordado um tempo de leitura e em seguida foi iniciado a apresentação dos casos para as demais equipes com breves discussões.

As falas foram registradas, transcritas e sintetizadas para uma melhor compreensão, mantendo o sigilo da identidade dos participantes, seguindo os passos adiante para análise de conteúdo elaborado por Laurence Bardin (2016): (A) transcrição das narrativas ordenadas em falas repetidas ou dominantes; releitura do material juntamente com as anotações do diário de campo e síntese das transcrições; (B) Codificação dos dados, ou seja, um agrupamento em temas amplos seguido de organização de temas categóricos formados pelas ideias principais contidas nos dados: (1) Incompreensão social e por pares; (2) Patriarcado e heteronormatividade; e (3) Papel familiar. E por fim uma (C) análise final, compreendendo uma análise descritiva das categorias fundamentado no marco teórico e em confronto com a revisão de literatura.

A pesquisa atendeu os trâmites éticos com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Brasil), sob o parecer número 57361122.3.0000.0055.

Resultados

A intervenção didática aconteceu como uma roda de leitura, quando há um leitor principal e a manifestação de expressões e opiniões das demais equipes por meio de perguntas orientadas e o direcionamento para um novo relato de forma continuativa até que todos os relatos fossem apresentados pelas equipes. Foram considerados o posicionamento dos estudantes, as possíveis mudanças de narrativas e comportamentos.

A primeira equipe trouxe a leitura do caso de Júnior, um caso de agressão física intrafamiliar (Figura 1):

Figura 1

Relato de caso Júnior

Junior, 14 anos, foi interrogado por uma professora da escola nesta manhã de quinta-feira e encaminhado ao Conselho Tutelar. A professora notou face de descontentamento por parte do garoto e queixa de dor ao segurá-lo pelo braço. Levou-o até a sala do professores a fim de averiguar o acontecido, ele relatou em contar a verdade que logo fora exposta por uma de suas colegas: Junior havia sido espancado pelo tio, seu tutor por não ter arrumado a casa e estudar para uma prova.

Segundo ele, não é a primeira vez que acontecia e a culpa era sua por não ter cumprido sua obrigação. Junior foi deixado pela mãe ainda bebê e criado por sua avó e o tio, não há conhecimento sobre seu pai.

Segundo ele as surras começaram cedo logo ao descobrir sua orientação sexual, o tio diz que se quer ser mulher tem que ser como uma. Há desconfiança de abuso sexual por parte do mesmo, mas nenhuma prova ou confissão.

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em fatos reais.

A partir daí, foi possível obter as primeiras expressões dos estudantes, sintetizadas nas falas abaixo:

- *A família, o tio na verdade, o rejeita e pelo fato de ele ser gay acha que ele tem que fazer essas obrigações.*
— *O tio pensa que só por ele ser assim ele tem que ser espancado, é uma forma que eu acho que o tio pensa de consertar, acha que a pessoa não é normal.*
(transcrição de falas)

O primeiro comportamento é de compreensão da situação e a leitura que se faz dela, o motivo dele sofrer a agressão física e se isso é justificável. O tio detentor do "poder" da casa, o chamado "homem da casa", se sente no direito de agredir aquele que é menor, mais frágil. "Na medida em que o homem detém maior poder, lhe é permitido desenvolver a violência. Em geral, a violência sexual desenvolve-se a partir da dominação do macho" (Gomes, 1994). Essa situação parece aos estudantes algo comum, natural, errado, mas que acontece muito e que alguns vivem na pele situações semelhantes; não por serem homossexuais, mas por estarem em uma sociedade patriarcal, dominada pelo machismo excessivo. "Nas sociedades historicamente machistas, homofóbicas e religiosas como a brasileira, a diversidade de gênero e de opções sexuais é negada e rejeitada" (Faleiros, 2007).

Partindo desse debate foi então perguntado aos estudantes se todo homossexual masculino tem a obrigação de se portar como o gênero feminino, como acontece com nossa persona Junior, o que Gomes Gomes, Diniz, Araújo y Coelho (2007) definem como cultura patriarcal social. Os estudantes afirmaram que não, sua orientação sexual não impõe ou sucumbe ao seu gênero, são coisas diferentes e que deveriam ser respeitadas, sobretudo pela família. A violência física decorre do processo de disciplinamento, embora, essa atitude dos pais demonstra para seus filhos que a violência punitiva consiste numa forma apropriada para resolver seus conflitos (Gomes et al., 2007) educando jovens para se tornarem adultos violentos. Nessa perspectiva os estudantes trouxeram suas vivências e fizeram comparações a suas histórias:

- *Aconteceu na minha família, eu tinha um tio que morreu, mas o filho dele se assumiu como gay, meu tio batia porque não gostava, não aceitava, ele saiu de casa.*
— *Isso é algo muito comum, um primo meu teve que ir para São Paulo porque nem o pai e a mãe aceitaram.*
(transcrição de falas)

Percebe-se um desapontamento dos jovens em relação ao comportamento dos pais frente as orientações sexuais dos filhos; a família é considerada um elo sagrado com papel social e afetivo, é de onde se provê o amor incondicional. É ou deveria ser o berço de todo ser humano para onde as crianças retornam.

Observar essa narrativa dos participantes permitiu perceber que aqui já não mais se discutia sobre o caso de Junior, mas de seus próprios anseios com os seus pais. Trazer suas questões para o conhecimento e análise de todos demonstra a vulnerabilidade familiar na qual estão inseridos, principalmente para dividir suas questões em sexualidade, nem todos têm a oportunidade de falar e debatê-las no seio familiar:

- *Tem que respeitar, aceitar e além de tudo compreender porque o fato dele ter uma orientação diferente das dos pais não significa que ele seja obrigado a passar por tudo, tudo mesmo! Não significa que ele tenha que sofrer só por ter uma orientação diferente, os pais devem apoiar mais do que tudo.*
(transcrição de falas)

Nessa narrativa percebe-se que a sensação sofrível não se refere apenas ao apoio aos jovens com distinções afetivo-sexuais, mas ao apoio dos pais independentes das circunstâncias. Muitos se sentem desamparados pelos pais e com medo de enfrentarem a vida sozinhos, não há apoio, orientação, parceria e consolo aos filhos que demonstram sentimento de negação daqueles que deveriam ser seu porto seguro.

Durante essa discussão os participantes envolveram outros pontos das relações com os seus pares aos quais almejam mudança e acreditam que fortaleceria a confiança e vínculo afetivo com os seus. Dentre os temas abordados, o mais enfático foi a sexualidade; conceito quase inexistente entre pais e filhos. Segundo Costa et al., (2014) durante adolescência o relacionamento familiar torna-se mais distante, a comunicação se torna ineficiente; os silenciamentos, as mensagens veladas e ambíguas, as imposições interferem negativamente na vivência dos filhos. Os pais nem sempre estão preparados para abordar a sexualidade com seus filhos.

Retomando as discussões sobre nossa persona, Júnior, foi questionado sobre o tema central abordado no caso:

— *Violência, preconceito, discriminação...*
(transcrição de falas)

E qual possível motivação para sua ocorrência, uma vez que a violência se deu no âmbito familiar?:
— *De forma diferente, acha que essa pessoa é anormal.*
(transcrição de falas)

Segundo os estudantes, quando as pessoas não aceitam as diferenças dos outros elas acreditam serem melhores ou estarem em um nível superior, para tanto, em suas perspectivas esse comportamento pode ser encarado como uma projeção de *bullying*, mesmo que decorra no meio familiar. Por definição, o *bullying* compreende as atitudes agressivas, intencionais e repetidas que podem ocorrer com/sem motivação evidente causando dor e angústia, sendo executadas dentro de uma relação desigual de poder (Lopes Neto, 2005).

Esse comportamento fóbico repetido ao longo da história do nosso país fortalecem as raízes do preconceito e *bullying* discriminados principalmente no espaço escolar. Não há uma consolidação concreta dos motivos que antecedem esse comportamento. A psicologia explica que para cada presunçoso há uma motivação, “esse comportamento parece ser procedente de um modelo educativo introjetado pela criança na primeira infância a partir de sua exposição a estímulos agressivos” (Bolzan, 2012).

Mas é evidente que esse é um comportamento padrão que se repete ao longo de gerações em toda a sociedade, aceitar a diferença ainda não se tornou uma ação consciente do ser humano. Aquilo que é distinto é rejeitado por ser logo preconcebido, não há tempo para conhecimento apenas para julgamentos na sociedade, portanto, é preciso inserir diariamente ações contrárias, conscientes sobre o mal causado pelo preconceito, *bullying* e homofobia. É necessário trazer à luz da reflexão a empatia como o outro que se descobre diferente se sente em relação a si e ao outro:

— *Confuso, porque eu tenho uma amiga, ela já ficou com homem e mulher, mas ela sempre gostou mais de mulher... mas ela se sentia confusa: será que é porque eu fiquei com tal pessoa e não gostei que eu prefiro mulher? Ela sempre se perguntava sobre isso.*

— *Depende muito de pra quem você vai contar, se for uma amizade que compreende ela vai encontrar confiança, ela vai tentar entender e abraçar a pessoa de qualquer forma mesmo ela sendo homossexual.*

— *E quando a pessoa não é de confiança é mais complicado, se eu não tenho confiança em você pra que eu vou te contar?*

— *Depende muito do ponto de vista de cada, muitos podem ficar surpresos, pode ser muito bem ou muito mal, muitos podem aceitar e muitos podem reagir com violência por se incomodar com o que outro gosta e começar a fazer bullying.*
(transcrição de falas)

Esse caso trouxe muitas indagações aos estudantes, pensar “como o outro se sente com minhas ações” é talvez o caminho mais curto para diminuir os comandos que originam o *bullying*. Evidente que é necessário um amplo trabalho em cima das questões que o desencadeia, sobretudo, em escolas junto ao apoio de especialistas em saúde emocional e mental.

Esperando a complexidade que poderia surgir o segundo caso (Figura 2) seguiu a mesma corrente, porém com um enfoque diferente e mais próximo da realidade cotidiana e atual dos estudantes, o *bullying* virtual:

Figura 2

Relato de caso Maurício

Maurício de 16 anos abandonou a escola por ter roubado seu celular, ter fotos vazadas na internet e virar motivo de chacota entre colegas.
Segundo a escola, o celular foi roubado durante uma festividade do campeonato de interclasse, a direção não conseguiu encontrar o culpado ou aparelho e acionou a ronda escolar.
Maurício fala sobre o *bullying* sofrido nos dias seguintes em meio aos colegas por ter fotos explícitas de suas partes íntimas circulando nos grupos da escola.
As fotos foram tiradas por uma namorada quando os dois haviam fumado maconha, sem a qual não haveria consentido.
Maurício diz que está em casa há dias sem poder sair de casa e foi obrigado a deletar todas as redes sociais. Por ter sido viralizada não houve interrupção nos compartilhamentos.

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em fatos reais.

Com a globalização tecnológica a disseminação da informação tornou-se instantânea o que facilitou a vida em diversos aspectos, entretanto, também facilitou o aumento dos processos de preconceito e *bullying*. O *cyberbullying* como é denominado, define-se pelo ato intencional, prejudicial e repetido, causando desequilíbrio de poder entre vítima e agressor, ocorrendo por meio de dispositivos eletrônicos e ambiente virtual (Rondina et al., 2016).

A exposição virtual é um dos maiores medos que o jovem enfrenta na atualidade. A troca de fotos e informações pessoais é algo corriqueiro, mas que os deixam expostos a ações de outros:

- *Falta de privacidade, falta de empatia também porque não se coloca no lugar do outro, fica compartilhando ainda e rindo.*
 - *Falta de respeito.*
 - *Pode gerar consequências para a vida, atrapalhar o futuro com ansiedade, depressão e suicídio...*
 - *Se fosse comigo eu me matava, sinceramente!*
 - *Uma vez postada na internet já era.*
- (transcrição de falas)

O sentimento iracundo revela o medo escondido nas narrativas, saber que a exposição pode afetar sua vida e colocá-los em risco demonstra o quanto para eles o assunto é sério. O perfil das *cybervítimas* não é de agressividade, mas a experiência ruim segundo Rondina et al., (2016), pode desenvolver depressão, sofrer sintomas do transtorno de estresse pós-traumático e até mesmo pensar em suicídio. A divulgação de fotos e vídeos são os mais prejudiciais na maioria das vezes, são visualizados e compartilhados por milhares de pessoas que a vítima sequer conhece, em fração de segundos. Um único ataque pode permanecer online ou

no celular das testemunhas por muito tempo, prolongando a exposição e o sofrimento das vítimas (Rondina *et al.*, 2016).

No que tange essa questão os participantes esclareceram que já enviaram fotos comprometedoras, entretanto, afirmaram só terem feito pela confiança exercida no receptor. De igual forma quando assumem esse papel guardam para si e compreendem que existe um laço de confidencialidade que não vale a pena ser quebrado.

Nessa dimensão foi questionado sobre sua atitude ao receber fotos ou fofocas pela internet. A maioria afirma se sentir confortável ou curioso para olhar, entretanto, deletam ou não passam adiante para não comprometer a privacidade do outro, mesmo que seja a pior pessoa do mundo:

— *Se a pessoa confiou a mim...*
— *E se chegar até a mim eu falarei para a pessoa sobre o vazamento, mesmo que não seja minha amiga.*
— *Isso é uma coisa muito séria...*
— *É algo a se pensar...*
(transcrição de falas)

As narrativas demonstram preocupação dos estudantes naquilo que diz respeito a sua sexualidade e as ações que lhes cabem para preservá-la ao mesmo passo que precisam compartilhar sentimentos e momentos com seus amigos e confidentes, vendo a internet como um aliado ao mesmo tempo o maior instrumento de ruína de suas vidas. Para eles é um assunto muito sério e precisa ser discutido de tempos em tempos.

Seguindo a intervenção didática propomos um caso comum, porém oculto as suas realidades. A história de Samantha descrita na figura 3:

Figura 3

Relato de caso Samantha

Samantha, 12 anos, foi levada ao Conselho Tutelar nesta tarde de sexta feira pela diretora da escola que alega comportamento desapropriado da menina em espaço escolar.

Segundo a diretora Samantha estava com roupa indecente e dançando de forma inapropriada com alguns meninos de turmas mais velhas, a mesma conta que é comum a menina se oferecer em troca de doces ou dinheiro, já foi banida por entrar bebada na escola e suspensa por praticar atos ilícitos com uma colega no banheiro.

A mãe de Samantha não foi chamada por concordar e participar indiretamente do comportamento indecente da filha. A diretora conta que em todo o histórico Samantha apresentou esses comportamentos, acredita que o fatos se deve a história de prostituição da criança desde os três anos de idade.

A mãe, quando moradora de rua, se prostituía e vendia as duas filhas para caminhoneiros em estacionamentos em troca de comida e abrigo embaixo dos caminhões. Samantha e a irmã cresceram em um lar de sexo explícito até serem encaminhadas a lares temporários.

Fonte: Elaborada pela autora, baseada em fatos reais.

Identificou-se que para os discentes foi o relato que mais os surpreendeu:

— *Eu acho o seguinte: devemos procurar saber qual o motivo levou-as a morar na rua, mas nada justifica vender as filhas em troca de comida*

— *Eu acho que a mãe tinha que tomar vergonha na cara dela porque nada justifica vender as filhas, tem um monte de gente aí na rua e mesmo assim faz de tudo pra cuidar e dar comida a seus filhos sem precisar colocar a filha pra se prostituir pra ganhar dinheiro... E sempre essas pessoas que fazem isso é pra comprar droga!*

— *Não podemos dizer que todos os casos são assim, alguns são pra comprar droga, mas outros são tentativas pra sobreviver.*

— *Mas eu acho que uma mãe, mãe mesmo, preferia fazer com ela e proteger as filhas dela, entendeu?*
(transcrição de falas)

Os casos de exploração sexual infantil não são lendários na sociedade brasileira, é uma triste realidade consciente que a sociedade enfrenta, entretanto, parece fingir ficção quando não acontece ao nosso redor (Gomes, 1994). O objetivo desse caso foi trazer a tona de que a exploração sexual infantil no Brasil ainda é comum, são cerca de 500 mil vítimas de exploração sexual por ano no país, segundo o Observatório do Terceiro Setor (2021) ocupamos o segundo lugar no ranking de exploração sexual infanto-juvenil, nos quais 75% das vítimas são meninas e em sua maioria negras. “As marcas dessa violência são visíveis nos corpos e nas mentes mesmo para aqueles que fazem força para não ver” (Gomes, 1994).

Colocamos uma situação hipotética em que houvesse uma necessidade irreversível da mãe ir para as ruas e dificilmente arrumar um emprego e dar sustento as suas filhas, portanto, a prostituição foi a única escolha. Enquanto ela estava em seu ofício não havia quem tomasse conta das filhas, de forma que precisava garantir a segurança dessas meninas de alguma forma:

— *Chega me dói no coração quando fala desde os três anos de idade...*

— *Ela deveria ter colocado as meninas pra adoção...*

— *Não justifica... mas também não pode sacrificar a mãe assim, sendo que ela não tinha como cuidar das filhas e não tinha o que fazer, ela tinha que cuidar de algum jeito.*

— *Mas e porque não pôs em um orfanato? melhor do que prostituir a filha.*
(transcrição de falas)

Em diversas situações por trás da exploração sexual infantil se encontram as condições de pobreza; as meninas (em geral) fogem da violência doméstica, maus tratos e há casos de meninas que buscam aventuras. Em todo caso ficam expostas a diferentes tipos de violência sendo a de natureza sexual uma delas (Gomes, 1994). A violência sexual é uma forma de violência física e psicológica especialmente destruidora e humilhante que reforça a supremacia e o poder do macho (Faleiros, 2007).

Os estudantes parecem perturbados com o assunto pois até o momento sabiam que era algo possível de ocorrer mas não tinha conhecimento de que aconteceria com alguém próximo. Após um momento de discussão tensa e angustiante resolvemos mudar o foco e pensar a respeito da menina, sua vivência e suas experiências sexuais explícitas após essa fase, o que poderia sentir e suas reações:

— *Ela achou no trauma uma forma de normalizar tudo isso.*

— *Ela deveria se recolher, as meninas tomam nojo... É o que mais acontece.*

— *Ao meu ver ela naturalizou isso, acha que é normal fazer isso, meio que adquiriu esse hábito.*

— *Eu acho que ela é assim pela história, ela era só um bebê de três anos quando começou a ser estuprada e os traumas que ela tem são irreversíveis, ela nunca vai conseguir superar isso.*

(transcrição de falas)

Dentre os tipos de violência cometidos contra o ser humano a violência sexual, segundo Viodres Inoue e Ristum (2008) é o delito menos denunciado na sociedade brasileira por diversas razões: o fato de a sexualidade humana ser ainda hoje tabu; o sentimento de culpa, vergonha e estigma favorecedores de

isolamento social; e o medo de represálias e ameaça. Esse tipo de relato é infelizmente comum entre as paredes das escolas, acontecem por confiança ou pedido de socorro das vítimas ao qual exige a escuta sensível pelos educadores envolvidos (Viodres Inoue y Ristum, 2008).

Pensar a violência sexual como fator determinante para condutas e comportamentos demonstra o quanto os jovens conseguem compreender que muitas das ações dos seres humanos são consequências de suas dores da infância, os levam a repensar sobre os julgamentos feitos pela sociedade e a necessidade da exclusão.

Trabalhadoras oficiais do sexo são vistas muitas vezes como mulheres que querem uma vida fácil, prazer e drogas. Pensá-las como alguém que não teve alternativas e precisou se dispor a essa situação exige o exercício da empatia para compreender privilégios e oportunidades que infelizmente não são disponíveis a todos e esse fator se torna ainda mais agravante quando são negadas as crianças, sobretudo, quando são exploradas. Portanto, “a prostituição é vista como uma estratégia de sobrevivência que muitas mulheres encontram para satisfazer suas necessidades mais básicas como moradia e alimentação” (Corrêa, 2012).

A exploração sexual é uma das formas de violência sexual contra vulneráveis, definida pela Lei nº 12.015 de 7 de agosto de 2009, como ato de “constranger alguém mediante violência ou grave ameaça, a ter conjunção carnal ou a praticar ou permitir que com ele se pratique outro ato libidinoso” (Brasil). A diferença, segundo o Observatório do Terceiro Setor é o fator de lucro, a exploração é mediada pelo pagamento em dinheiro ou qualquer outro benefício. Esse é um tema bastante abrangente que precisa ser debatido diariamente como forma de prevenção e alerta, por isso apresentamos mais um caso aos estudantes (Figura 4):

Figura 4

Relato de caso Naeli

Naeli, de 17 anos prestou queixa à polícia nesta manhã de domingo alegando ser vítima de sequestro e estupro. Segundo a mesma, na noite de sexta feira saiu de bicicleta da lanchonete em que trabalha as 20 horas indo em direção a sua casa, no caminho avistou um carro preto que a seguiu por dois quarteirões, desaparecendo em seguida. Próximo a sua casa, na quadra de esportes avistou novamente o carro agora vazio, nesse instante foi golpeada e derrubada da bicicleta e imediatamente teve mãos e boca amarradas.

Foi levada até o carro que seguia em movimento. Naeli diz ter entrado em um apartamento comercial e ter sido violentada repetidas vezes até a madrugada do domingo. Durante esse tempo ela teve seu corpo lavado, bebeu água e comeu um sanduíche feito pelo abusador. Em momento algum ficou desamarrada e com os olhos desvendados. A noite passou amarrada na mesma cama do abusador que mantinha uma arma em seu alcance.

Houveram duas tentativas de fuga, uma ao tentar saltar pela janela do banheiro, na qual foi pega e brutalmente violentada e outra na madrugada, quando conseguiu escapar desfazendo os nós das cordas das mãos com os dentes e soltando os pés, saiu silenciosamente da cama até a porta e desceu as escadas correndo pelas ruas descalça e despida, quando percebeu o carro preto procurando-a escondeu-se em uma lixeira. Naeli correu até em casa e contou a verdade a sua mãe e pai, que não lhe deram atenção por acreditar tratar-se de uma mentira.

Na delegacia ainda contou que como forma de punição apanhou e foi violentada pelo pai, segundo a mesma, essa é uma prática rotineira e já a alguns anos e possui o consentimento da mãe que alega ser ele o homem da família. O caso foi investigado, o pai de Naeli foi preso, mas o caso de sequestro foi arquivado por falta de provas e evidências que sugerissem veracidade.

Fonte: Muller (Adaptada pela autora).

Esse caso baseado em uma história real em filme, relata o dia a dia de muitas crianças e adolescentes que são abusadas dentro de casa. Parece ser ainda mais grave porque não reflete a imagem da “família” e a vítima passa muitas vezes por mentirosa ou criativa.

Entre os estudantes, após a leitura, houve uma troca entre olhares e pensamentos, pareciam ao mesmo tempo surpresos e conformados, como se não fosse a primeira vez a ouvir essa narrativa. Entre os sussurros

um caso similar se escondia e trazia à tona a repugnação. A consciência de que casos de violência intrafamiliar é mais comum do que gostaríamos:

- Terrível, quero nem imaginar
Horrível pra ela, porque era só uma criança e a família tem que proteger a criança, e não violar o direito dela
— Imagina pra ela o que era aquilo, ela nem sabia direito, era só uma criança
— Fora que foi a vida toda, ela só queria brincar, mas tinha que ficar servindo homem sem nem saber de nada
— De uma certa forma ela se sentiu incapaz por ter contado para os pais e simplesmente não terem acreditado achando que era uma mentira.
— Acho que ela se sentiu muito triste por seus pais não terem acreditado e por seu pai ter abusado dela. E ninguém acreditou no sequestro.
— Horrível, porque quem deveria cuidar e proteger não fez.
— A família é a agressora.
— Eu já teria me matado.
(transcrição de falas)

A família é vista em um ambiente no qual existe uma configuração de seus membros marcada por relações de proximidade, reciprocidade, estabilidade e afeto (De Antoni y Koller, 2000). A família é constituída por pessoas as quais deveriam possuir relação de apoio e de troca, entretanto, quando não existe a troca de afetividade entre pares e filhos essa condição tende a perpetuar-se para as próximas gerações. A ausência de habilidades sociais e a presença de traços antissociais dos pais são considerados importantes fatores de risco familiar, indivíduos que sofreram maus-tratos na infância ou não foram crianças aceitas, reconhecidas e/ou desejadas, poderão ter os efeitos da experiência vivida por toda a sua vida (Bittar et al., 2012).

O ambiente familiar é favorável a todo tipo de violência, especialmente a sexual, por envolver relações de confiança entre a vítima e o abusador, o que favorece que esta violência se repita por inúmeras vezes (Bittar et al., 2012). Casos de violência intrafamiliar são, infelizmente, muito comuns, ainda mais quando a ação da justiça é questionável:

- Uma droga, acontece muito...
— Principalmente quando a gente vai denunciar que foi abusada, aí eles falam assim: mas por que você foi abusada, então você estava tal hora na rua?
— Principalmente quando você está com certos tipos de roupa, né... mais justa, ou mais curta, uma saia, um decote... eles falam: com essa roupa que você tava aí, você tava pedindo, tá querendo chamar atenção de homem.
(transcrição de falas)

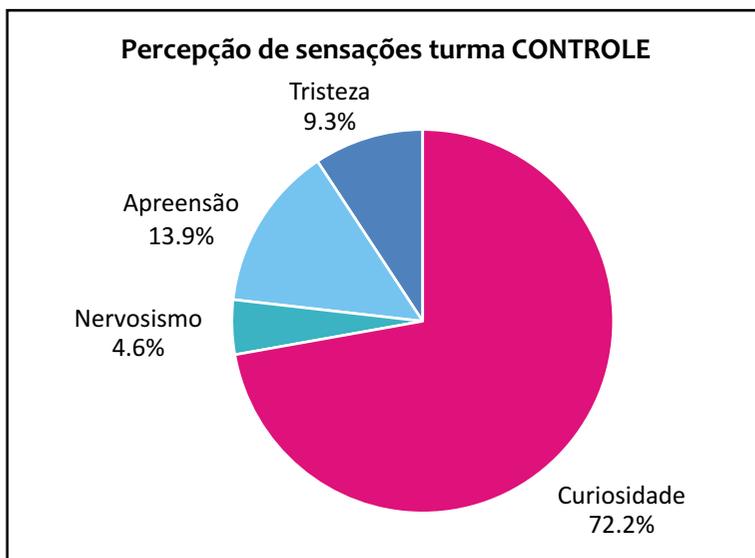
Nota-se a preocupação por saber que quem deve proteger oferece apenas incompreensão e julgamento. O serviço oferecido pelos agentes públicos da justiça nem sempre é confiável o que dificulta a denúncia, o abusador nem sempre sofre as consequências que deveria e a vítima ainda é reconhecida como a provocadora ou culpada (Schek et al., 2018; Siqueira et al., 2011). O fim da cultura do estupro parece ainda distante por isso a discussão, o debate e a troca de informações em ambientes sociais são cada vez mais importantes para que todos conheçam seus direitos e possam cobrar das autoridades a justiça.

As discussões com os estudantes foram muito ricas e permitiram a interação com o real pensamento a respeito das marcas da sexualidade, seja ela vivida como violência física, emocional, psicológica ou sexual. Compreender veementemente o que os adolescentes pensam a respeito permite confidenciar seus sentimentos e emoções diante da surpresa (o novo), do simbólico (conhecimento sem experiência) e do familiar (vivência). A partir daí pode-se categorizar as falas em sensações. Os casos relembram fatos de sua

história e cultura, acessam memórias de fatos passados que despertam seu sistema emocional negativo: tristeza, angústia, apreensão, nervosismo, ansiedade ou curiosidade (Figura 5).

Figura 5

Percepção de sentimentos durante a intervenção didática



Fonte: Elaborado pela autora

A dinâmica da leitura dos textos conduz a imaginação, a visualização das cenas, dos sentimentos, reorganiza o cérebro para criar a imagem dos personagens envolvidos, dos lugares, das ações, modificam suas expressões e trocam experiências. Nesse sentido a roda de leitura permitiu ao estudante sentir por meio das falas, da escuta, do ver e tocar, expressar suas sensações a cada caso discutido, nas trocas de opiniões e na empatia sentida ao se colocarem no lugar dos protagonistas, daqueles que foram banalizados e estigmatizados por suas escolhas, condutas ou comportamentos.

Entretanto, provocam também a sensação de curiosidade e motivação, foge aos padrões de aulas tradicionais e captam a atenção por serem narrativas circunstanciais a sua realidade. As discussões a maneira que se seguem livre e orientada permitem a reorganização desse sentimento, a troca de falas e experiências, a reflexão e a formulação de soluções permitem desenvolver sentimentos positivos: sensações de alívio, calma, justiça, conformidade, alegria. Resgata o prazer e o conhecimento interligados, é de fato um caminho que conduz a uma educação sensível e humanizada (Mineiro y D'Ávila, 2020) garantindo um novo significado a aprender.

Demonstrar a realidade mas propor uma realidade subjetiva é fundamental para concretizar o objetivo da aula: a aprendizagem e o fornecimento de bases fundamentais sobre a sexualidade demonstrando que a realidade pode e deve ser modificada, pois somos todos cidadãos de direitos e podemos gozar a vida que escolhemos ter.

Após as análises e discussões dos casos com os estudantes podemos verificar as dificuldades emaranhadas no trabalho de sexualidade em classe. São muitas as percepções frente aos episódios do cotidiano de vida dos adolescentes, fatos que se assemelham aos casos e elementos que carregam sentimentos e emoções, muitas vezes dores e a voz calada. São diversos os assuntos que não podem ser falados ou mensurados, sejam no lar, na escola ou no ciclo de amigos, mas que precisam ser evocados para a realidade na procura por solução e proteção.

Trabalhar a sexualidade nas aulas de biologia precisa ultrapassar os limites dos conteúdos dos livros e materiais didáticos, é necessário trazer a contextualização da vivência do estudante e proporcionar um movimento de trocas e experiência e fornecer a “calçada” para dar um passo à frente para a autonomia da sua própria sexualidade. Para tanto, é necessário evocar nos estudantes o sentir, o pensar e o agir, processos interdependentes que aliam o cognitivo com o emocional para proporcionar e internalizar a aprendizagem.

Compreendendo a sexualidade como fenômeno cultural ao qual o comportamento sexual é interpretado a partir da construção social, das redes neurais que determinam as expressões mentais, emoções, e as valências deste sentimento (afetos). Assim, a sexualidade como questão de natureza pessoal e coletiva é construída a partir de vários afetos, os quais transforma-se em sentimentos de diferentes valências neurobiológicas que afetam as ações conscientes e sensíveis do ser humano (Mosquera y Garcia, 2021).

Trabalhar nesse sentido com uma didática sensibilizadora em aulas de biologia como elucidada D'Ávila (2014; 2022) é estimular emocionalmente o cérebro do estudante: o sistema límbico do qual surgem os comportamentos instintivos e intuitivos que perpassam as células corporais e se exprime na forma de sensações essenciais para a autonomia da aprendizagem. É aqui que se instala a memória que fomenta o conhecimento e fornece presunções para assimilações futuras. Através da didática sensível o estudante pode não apenas fundamentar ideias e aprendizagens mas também ressoar suas experiências, construir diálogos, desconstruir padrões e idealizar seu próprio mundo, livre de estigmas, julgamentos e preconceitos, pois partem do entendimento de que todos possuem suas próprias adversidades, as quais são mais semelhantes do que divergentes.

Considerações finais

Compreende-se que os processos que envolvem a sexualidade são em sua inteireza muito complexo, falar sobre ela é enveredar por caminhos que modificam a subjetividade do ser, mergulha nas mais profundas emoções e resgatam a humanidade por trás das experiências vividas pelo outro. Para tanto é necessário mais do que o conhecimento teórico, é preciso captar o que há de mais puro na natureza humana, pois trata-se de pessoas em condições e vivências adversas; o simples olhar teórico torna-se frívolo e distante.

Nessas condições, a didática sensível demonstrou-se maestra para lidar com os temas mais complexos e constrangedores que competem à sexualidade, desta forma agiu como um catalisador que extraiu os sentimentos e atitudes mais nobres dos participantes envolvidos. Por meio do tema sexualidade promoveu-se a reflexão dos atos para o pensar consciente capaz de modificar a realidade ao dispor a opinião e perspectivas dos outros, permitindo o sentir, o intuir através da fala, da escuta e da imaginação. Foi criado um espaço de aprendizagem para além da construção do conhecimento, ao qual enraíza nas ações e compreensões da dinâmica de vida, do cotidiano de quem faz parte da própria realidade.

Nesse sentido, infere-se o papel fundamental do professor de biologia ao trazer a sensibilidade emocional para criar a conexão do cognitivo com o emocional, direcionando as emoções para o escutar, ver e enxergar o outro como pessoa dotada de um corpo sujeito, muitas vezes, ao ambiente; que jamais anula sua capacidade de ser emanados de razão, emoção, personalidade, sentimentos, pensamentos, desejos e intenção. O professor torna-se coautor da didática sensível, insere os estímulos sensibilizadores e “brinca” com as emoções, trazendo à tona as vivências dos estudantes, seres sociais dominados pelos sentimentos de compreensão, empatia e compaixão.

É através de uma didática sensibilizadora que podemos atingir um nível intangível de pureza da verdade, da solicitude, da solidariedade, da compreensão e da maturidade. É quando se permite retirar o julgamento para

olhar a dinâmica por trás de casos e acasos que reestruturam a vida do outro e emanam sua sexualidade no qual são interdependentes, o sentir, o pensar e o agir humano.

Essas intervenções didáticas são fundamentais para propiciar o processo de aprendizagem, entende-se que estimular emocionalmente é mais viável, é preciso oferecer outros estímulos externos visto que ao que parte a ludicidade do sujeito é a motivação e conexão. O que reforça o antigo provérbio chinês: “Diga-me, e eu esquecerei; ensine-me, e eu lembrarei; envolva-me, e eu aprenderei”.

Nessa perspectiva, infere-se que a intervenção didática apresentada nesta pesquisa, permitiu fazer uso de imaginação, curiosidade, motivação, e sentimentos como o sentir, o pensar e o agir, diferente dos padrões de aulas tradicionais, captando a atenção por serem narrativas circunstanciais a sua realidade. Assim, nas aulas de biologia quando possível integrar a afetividade, levando em conta os diferentes sentimentos particulares dos estudantes pode tornar a experiência intrínseca, dando sentido ao aprendizado. Considerando o desenvolvimento integrado das partes do cérebro, os aspectos cognitivos e límbicos que categorizam o indivíduo como cérebro, corpo e emoções. Destarte, salientamos a necessidade de maiores estudos que investiguem essa tríade e eleve o papel da sexualidade em aulas de biologia e/ou ambiente escolar fazendo o uso de didáticas mais sensíveis.

Referências

- Antoni, C.; Koller, S. H. (2000). A visão de família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia (Natal)*, v. 5, n. Estud. psicol. (Natal), 2000 5(2), jul. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2000000200004>
- Brasil. LEI Nº 12.015, DE 7 DE AGOSTO DE 2009. *Crimes contra a dignidade sexual* http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2009/lei/l12015.htm
- Bittar, D. B., Nakano, A. M. S., Silva, M. A. I., y Roque, E. M. de S. T. (2012). Violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes na percepção de mães agressoras. *Revista Eletrônica De Enfermagem*, 14(4), 771–8. <https://doi.org/10.5216/ree.v14i4.15739>
- Codea, A. (2019). *Neurodidática: fundamentos e princípios*. Rio de Janeiro: Wak Editora, p. 144. Edição do Kindle.
- Corrêa, W. H.; Holanda, A. F. (2012). Prostituição e sentido de vida: relações de significado. *Psico-USF*, v. 17, n. Psico-USF, 2012 17(3), set. <https://doi.org/10.1590/S1413-82712012000300009>
- Costa, M. A., Rabelo, N. S., Moraes, I. C. M., Siqueira, F. C. de M., y Cabral, E. S. de M. (2014). Fatores que obstam na comunicação entre pais e filhos adolescentes sobre sexualidade. *Revista De Enfermagem Da UFSM*, 4 (1), 123–132. <https://doi.org/10.5902/2179769210216>
- D'Ávila, C. Didática lúdica: saberes pedagógicos e ludicidade no contexto da educação superior. *Revista Entreideias: educação, cultura e sociedade*, v. 3, n. 2, p. 87–100, 2014. <http://dx.doi.org/10.9771/2317-1219rf.v3i2.9164>
- D'Ávila, C. (2022). *Didática sensível: contribuição para a didática na educação superior*. 1ed. São Paulo, Cortez.
- Denzin, N. K. E Lincoln, Y.. S. (2006). *O planejamento da pesquisa qualitativa: Teorias e abordagens*. Tradução Sandra Regina Netz. Porto Alegre. Artmed. 432p.
- Faleiros, E. Violência de gênero. *Violência*, p. 61, 2007. Violência contra a mulher adolescente-jovem / Stella R. Taquette, organizadora. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2007.
- Fonseca, V. (2014). Papel das funções cognitivas, conativas e executivas na aprendizagem: Uma abordagem neuropsicopedagógica. *Revista psicopedagogia*, São Paulo, v. 31, n. 96, p. 236-253. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862014000300002
- Fonseca, V. (2016). Importância das emoções na aprendizagem. *Revista Psicopedagogia*, v.33, n. 102, p. 365-84. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S0103-84862016000300014&lng=pt&nrm=iso
- Gil, A. C. 1946. (2017). *Como elaborar projetos de pesquisa*. 6. ed. São Paulo. Atlas.
- Gomes, N. P., Diniz, N. M. F., Araújo, A. J. de S., y Coelho, T. M. de F. (2007). Compreendendo a violência doméstica a partir das categorias gênero e geração. *Acta Paulista De Enfermagem*, 20 (Acta paul. enferm., 2007 20(4), 504–508. <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000400020>
- Gomes, R. (1994). Prostituição infantil: uma questão de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, p. 58-66. https://www.scielosp.org/article/ssm/content/raw?resource_ssm_path=/media/assets/csp/v10n1/v10n1a07.pdf
- Gomes, R. A. (1994) Violência enquanto agravo à saúde de meninas que vivem nas ruas. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 10, n. Cad. Saúde Pública, 1994 10 suppl 1. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500011>
- Lopes Neto, A. A. (2005). Bullying: comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, v. 81, n. J. Pediatr. (Rio J.), 2005 81(5) suppl, nov. <https://doi.org/10.1590/S0021-75572005000700006>
- Louro, G. L. (1997). *Gênero, sexualidade e educação*. Uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ Vozes. 184p.

- Minayo, M.C.S. (2014) *O desafio do conhecimento*. Pesquisa qualitativa em saúde. HUCITEC EDITORA, São Paulo.
- Mineiro, M.; D'Ávila, C. (2020). Construindo pontes: A mediação didática lúdica no ensino superior. *Práxis Educacional*, v. 16, n. 37, p. 146, 1 jan.
- Mosquera, J. A., y García, J. J. (2021). Concepções de professores na formação inicial de ciências naturais para a educação em sexualidade e afetividade. *Revista De Ensino De Biologia Da SBEnBio*, 14(1), 55-75. <https://doi.org/10.46667/renbio.v14i1.553>
- Nascimento, S. S. (2020). Traumas sexuais em adolescente: um olhar neurocientífico do educador. *Conhecimento e Multidisciplinaridade / Felipe Asensi (organizador)*. – Rio de Janeiro: Pembroke Collins, v. 2; 550 p. <https://www.caedjus.com/wp-content/uploads/2021/01/02-livro-Conhecimento-e-multidisciplinaridade-vol2-CMPA-2020-3.pdf>
- Observatório do terceiro setor. (2021). *500 mil crianças são vítimas de exploração sexual no Brasil, por ano*. <https://observatorio3setor.org.br/noticias/500-mil-criancas-sao-vitimas-de-exploracao-sexual-no-brasil/#:~:text=Um%20estudo%20produzido%20pela%20Childhood,a%2015%20anos%20de%20reclus%C3%A3o>
- Pagan, A. A. (2018). O ser humano do Ensino de Biologia: uma abordagem fundamentada no autoconhecimento. *Revista Entreideias: Educação, Cultura E Sociedade*, 7(3). <https://doi.org/10.9771/re.v7i3.26530>
- Pinho, L. S. (2018)- Neurociência cognitiva na sala de aula: estratégias de ensino de Língua Espanhola - *Letras de Hoje*; 53(1); 80-88. <https://doi.org/10.15448/1984-7726.2018.1.28663>
- Rondina, J. M. ; Moura, J. L. ; Carvalho, M. D. (2016). Cyberbullying : O complexo bullying da era digital. *R. Saúd. Digi. Tec. Edu.*, Fortaleza, v. 1, n. 1, p. 20-41, jan./jul. <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/20049>
- Siqueira, A. C.; Arpini, D. M.a; Savegnago, S. D. O. Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Aletheia*, n. 34, 2011. DOI 10.29327/226091
- Schek, G., Silva, M. R. S. da ., Lacharité, C., César-Vaz, M. R., Bueno, M. E. N., y Ventura, J. (2018). Práticas profissionais que silenciam a violência intrafamiliar contra crianças e adolescentes. *Texto y Contexto - Enfermagem*, 27(Texto contexto - enferm., 2018 27(1)), e1680016. <https://doi.org/10.1590/0104-07072018001680016>
- Toneli, M. J. F. (2012) Sexualidade, gênero e gerações: continuando o debate. Citado em: Jacó-Vilela, AM., and Sato, L., orgs. *Diálogos em psicologia social [online]*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais . p. 147-167. ISBN: 978-85-7982-060-1. Available from SciELO Books . <https://books.scielo.org/id/vfgfh/pdf/jaco-9788579820601-12.pdf>
- Viodres Inoue, S. R.; Ristum, M.(2008). Violência sexual: caracterização e análise de casos revelados na escola. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, v. 25, n. Estud. psicol. (Campinas), 2008 25(1), jan. <https://doi.org/10.1590/S0103-166X2008000100002>